



## **EIXO TEMÁTICO:**

### **DOCUMENTAÇÃO, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO.**

#### **PEQUENAS INTERVENÇÕES, GRANDES PERDAS: o problema das intervenções despretensiosas no patrimônio edificado.**

**NERY, Juliana C. (1); CORREIA, Victória A. N. (2); REIS, Clara R. (3); SANTANA, Diana S. N.(4).**

1. FAUFBA / PPGAU / MP-CECRE. Núcleo de Teoria, História, Projeto e Planejamento.  
Rua Rosa dos Ventos 39 /1001 – Salvador / BA, CEP 40.286-040  
jcnery19@yahoo.com.br

2. FAUFBA. Bolsista PIBIC  
Rua Hilton Rodrigues, 122 / 604 C, Pituba, Salvador / BA, CEP 41.830-630  
correivictoria1@gmail.com

3. FAUFBA. Voluntária PIBIC  
Rua Hilton Rodrigues, 394 / 702 A - Salvador / BA, CEP 41.830-630  
rachelreis17@gmail.com

4. FAUFBA. Voluntária PIBIC  
Rua Alaíde, 11 - Salvador / BA CEP 41.195-300  
diana.nsantana@gmail.com

## **RESUMO**

O foco desse artigo centra-se num debate pouco enfrentado no campo da preservação e da conservação do patrimônio edificado: as intervenções despretensiosas de pequeno vulto e, a princípio, de pouco impacto no patrimônio edificado. Essas intervenções que parecem não impor significativas mudanças para a obra, são realizadas sem muito debate e atenção, mas podem gerar enormes perdas para a expressão da linguagem característica da arquitetura de um determinado período. É a partir dessa perspectiva que propomos aqui analisar pequenas intervenções no patrimônio edificado da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e as grandes perdas que elas impõem à integridade e à autenticidade das características arquitetônicas das edificações. Esta é uma discussão complexa, dada a uma série de questões de gestão, necessidade de atualização espacial das demandas da vida universitária e possibilidades/ disponibilidade de recursos para execução de obras na universidade pública. Sabe-se que com as mudanças de uso, crescimento dos cursos e do número de alunos e as inovações tecnológicas, muitos edifícios tiveram que passar por adaptações. Contudo, o que se pretende entender ao final é: como a falta de preocupação com as características específicas destes edifícios nas decisões de intervenção terminam desqualificando sua linguagem original e como a universidade vem se relacionando com a preservação de seu patrimônio construído.

**Palavras-chave:** patrimônio arquitetônico; intervenção no patrimônio moderno; arquitetura universitária.

## **PEQUENAS INTERVENÇÕES, GRANDES PERDAS: o problema das intervenções despreziosas no patrimônio edificado.**

O foco deste artigo centra-se num debate pouco enfrentado no campo da preservação e da conservação do patrimônio edificado: as intervenções despreziosas de pequeno vulto e, a princípio, de pouco impacto no patrimônio edificado. Essas intervenções que parecem não impor significativas mudanças para a obra, são realizadas sem muito debate e atenção, mas podem gerar enormes perdas para a expressão da linguagem característica da arquitetura de um determinado período. Esse risco de pequenas alterações, quando somados podem determinar uma perda lenta, silenciosa e irremediável das características do bem e ao fim a descaracterização completa da obra. É a partir dessa perspectiva que propomos aqui analisar pequenas intervenções, a princípio despreziosas, no patrimônio edificado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e as grandes perdas que elas impõem à integridade e à autenticidade das características arquitetônicas das edificações. Esta é uma discussão complexa, dada a uma série de questões de gestão, necessidade de atualização espacial das demandas da vida universitária e possibilidades/disponibilidade de recursos para execução de obras na universidade pública. Sabe-se que com as mudanças de uso, crescimento dos cursos e do número de alunos e as inovações tecnológicas, muitos edifícios tiveram que passar por adaptações. Porém o foco da análise desenvolvida nesse artigo está circunscrito à leitura visual e composição externa das obras. O que se pretende entender ao final é: como a falta de preocupação com as características específicas dos edifícios nas decisões dessas pequenas intervenções terminam desqualificando sua linguagem original e como a universidade vem se relacionando com a preservação de seu patrimônio construído.

Esse estudo terá como mote da discussão algumas intervenções realizadas nos edifícios do Pavilhão de Aulas da Federação VI (PAF VI); do CEAB (Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia); dos edifícios gêmeos da Faculdade de Educação e Escola de Administração; e da Faculdade de Farmácia – todos da UFBA. Ressalta-se que em todas as intervenções as volumetrias são mantidas e as intervenções se reduzem a pinturas, substituição de materiais e pequenas modificações de fachada. Ao contrário da despreocupação, ou mesmo o desconhecimento, que caracteriza as decisões projetuais dessas alterações, é bastante preocupante e alarmante os impactos e perdas que estão causando ao patrimônio construído da universidade.

Como enfrentamento metodológico, partimos de uma leitura prioritariamente visual da composição das obras e seus materiais, a partir de fotos antigas e a comparação do que se torna a composição a partir da configuração que as obras possuem atualmente. Para então localizarmos o impacto de descaracterização ou preservação dessas arquiteturas. O corte da dimensão das intervenções, para serem consideradas pequenas, é vinculado à substituição de material, pintura e mínimas alterações sem alteração volumétrica.

## **Um pouco de história**

As primeiras escolas que viriam a constituir a UFBA surgem ainda no século XIX como unidades separadas e independentes. A primeira é a Faculdade de Medicina, ou Escola de Cirurgia no Terreiro de Jesus. O curso já existia antes de 1808, mas não era reconhecido por Portugal como formação superior até a vinda da família real para o Brasil, em que o Príncipe D. João passa cerca de um mês em Salvador antes de seguir para o Rio de Janeiro. Assim se dá início a várias faculdades por grupos distintos da sociedade baiana: a Escola de Belas Artes em 1877 na Rua do Tijolo também na cidade alta, de onde nasceu o curso de arquitetura; Curso de Odontologia na Bahia em 1884, criado por decreto imperial, funcionando anexo à Faculdade de Medicina no prédio do Terreiro de Jesus; o Instituto da Politécnica em 1896; Faculdade de Direito em 1897; em 1905 a Escola Comercial da Bahia, futura Faculdade de Economia, na Rua Chile; e Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Psicologia no bairro de Nazaré na Av. Joana Angélica nº 183 em 1941.

Em 1946 é criada a Universidade da Bahia, reunindo os cursos existentes e criando outros, só federalizada em 1949. Até então todas as sedes se encontravam na região mais antiga da cidade, mas em 1948 é inaugurado o Hospital das Clínicas (atual Hospital Universitário Professor Edgard Santos - HUPES) no bairro do Canela, uma arquitetura já em linhas modernas, abrindo caminho para uma arquitetura francamente partidária da modernidade corbusiana nos novos edifícios construídos posteriormente, todos relativamente próximos formando o campus Canela. Há um desenho modernista para o campus e as soluções dos edifícios são individualizadas, seguindo uma lógica corbusiana de ocupações rarefeitas e térreos livres com pilotis (quando possível), compondo um percurso, incorporando a preexistência das residências ecléticas e demonstrando um diálogo com a arquitetura moderna carioca mais divulgada à época. É interessante pensar como este campus é contemporâneo à construção de Brasília e mesmo com muitos pontos de tangência, também

incorpora linguagens e expressões modernas distintas – um exemplo disso é a sede do curso de enfermagem, um edifício robusto de 07 pavimentos em que a fachada principal é composta pelo ritmo constante e sequenciado das esquadrias.

Na virada da década de 1950 para os 1960 há a necessidade de expansão da universidade e devido à pressão imobiliária que o Canela sofria, somado a opção de construção da nova sede da Escola Politécnica no bairro da Federação, há a criação em 1961 do campus Federação-Ondina com a compra de terreno da fazenda Garcia D'Ávila. A generosa área do novo campus possuía uma topografia bastante acidentada que terminou por determinar uma fragmentação em sua forma e reconhecimento na cidade, mesmo que de algum modo interligadas: uma área que ocupou as cotas mais altas num primeiro momento composta pela Politécnica e pela nova sede da Faculdade de Arquitetura, agora já um curso independente, construída a partir de 1969 na Federação; e uma área bem maior nas cotas mais baixas em Ondina, já planejada e construída após a Reforma Universitária de 1968, caracterizada por uma lógica modular racionalizada que deveria possibilitar a flexibilidade de ocupação e crescimento das unidades, bem como a interligação e agenciamento entre blocos construídos e áreas livres. O novo campus foi proposto e em boa parte construído seguindo a expressão do concreto armado aparente, bastante em voga no período, através da estética posteriormente nomeada de “brutalista”. Uma estética que explora força e imponência do concreto armado, as estruturas a mostra, materiais em seus estados brutos, composto pela coesão das soluções dos edifícios, com destaque para o edifício da Biblioteca Central e do Restaurante Universitário. A ocupação foi pensada em módulos para ser uma grande malha conectada, permeando grandes áreas verdes. Como as terras eram praticamente desocupadas, a instalação do campus Ondina-Federação, terminou por pautar e condicionar tanto o crescimento, a infraestrutura, como a forma de ocupação dessa parte da cidade, bem como possibilitou a generosa área de preservação de mata que ainda caracteriza a paisagem urbana da região.

Mesmo depois da criação dos campi, alguns cursos permaneceram em suas sedes isoladas, a exemplo do curso de Economia que se manteve na área mais antiga da cidade, além das escolas de Teatro e Belas Artes que permaneceram em edifícios ecléticos no bairro do Canela. O planejamento / projeto previsto para os campi, especialmente a grande rede construída que caracterizaria o campus Ondina-Federação, não foi plenamente executado.

## Arquiteturas modernas dos campi da UFBA

A arquitetura de linhas modernas, muitas vezes nomeada de “protomoderna”, presente no atual Hospital Universitário Professor Edgard Santos - HUPES tem importante lugar na arquitetura no Brasil nos anos 1930, e assim como outras vertentes modernas no início do século XX, se desenvolve paralela e concomitantemente à implantação do “movimento moderno” reconhecido pelos manuais de história de arquitetura no país<sup>1</sup>. A adoção de novos materiais e técnicas construtivas possibilitaram as alterações na concepção espacial interna das edificações e na verticalização dos mesmos. A decoração mais geometrizada e austera das fachadas são elementos fundamentais na diferenciação dessa nova expressão arquitetônica. Entretanto, a predominância desse estilo arquitetônico na Bahia, apesar de importantes exemplares como o Instituto do Cacau, e principalmente na Universidade Federal da Bahia é pouco expressiva. O hospital é um dos raros exemplar protomodernos construídos dentre os edifícios da universidade.

Por outro lado, o modernismo de matriz corbusiana e a inflexão da vertente moderna posteriormente nomeada brutalista ocorrem com mais força na Bahia, reveladas não só pela quantidade de edificações, mas também pela importância simbólica das construções. O Centro Administrativo da Bahia - CAB e a maioria de seus edifícios são exemplo dessa presença significativa. O mesmo vale para os campi da UFBA e suas edificações, dentre as quais já foram contabilizadas 36 edificações nessas vertentes num universo de 61 catalogadas até o momento pela pesquisa “Registros: o patrimônio construído da UFBA”<sup>2</sup>.

Apenas para situar, entende-se aqui tanto o “moderno”, como o “modernismo” em seus sentidos ampliados e nas suas expressões multifacetadas que ganham sentido e importância na ruptura de seus contextos tradicionais locais e localizados. E é nesse sentido que se aponta a importância das obras modernas da Universidade.

Partimos da compreensão de modernismo vista como uma reinvenção das relações do homem com o mundo num movimento artístico explosivo – em um sem número de expressões tão variadas, variantes e variáveis quantos foram seus participantes ou bem mais dada às guinadas nas pesquisas de certas subjetividades mais inquietas – que buscou sua autonomia na libertação da ação criadora das ataduras do passado, em pesquisas experimentais das

---

<sup>1</sup> Ver discussão em TINEM, Nelci. **O Alvo do olhar estrangeiro: O Brasil na historiografia da arquitetura moderna**. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2002.

<sup>2</sup> Pesquisa em desenvolvimento pelas autoras desse artigo, coordenada pela professora Juliana Cardoso Nery.

potencialidades do mundo em processo de industrialização, ou em busca de se industrializar em suas múltiplas facetas. Reconhecíveis em uma imbricada, tensa e específica relação entre expressões formais, subjetividades desveladas e contextos específicos, o modernismo culminou numa ruptura sem precedentes na história das artes ao se desvincular proposital e conscientemente dos princípios compositivos normativos preexistentes. Caracterizado por formas não só inovadoras como também desconcertantes, direcionadas para o futuro e não mais inspiradas no passado, que se desvinculam bruscamente da tradição da mimese e de qualquer espécie de fórmulas e modelos preestabelecidos, essa importante expressão dos tempos modernos leva a cabo em suas últimas consequências as premissas de auto compreensão, autocrítica, auto normatização e auto certificação da modernidade.

O modernismo transgride a tranquilidade das relações entre forma expressiva e conteúdo temático, a qualidade da obra se desvincula do tema e se volta para o tratamento, ou seja, sua técnica. As obras modernistas dão ao banal posição de destaque, ao cotidiano monumentalidade. Suas formas mais que elementos fixos ou reproduzíveis de linguagem, são soluções inusitadas que provocam essa sensação de descompasso, desconforto e estranhamento.

Enfim, muito distante de uma coesão unitária, a arte/arquitetura moderna em amplo horizonte, o movimento moderno em um plano intermediário e o modernismo em universo mais limitado foram frutos absolutos do espírito apartado e fragmentário dos tempos modernos, compostos por inúmeros movimentos independentes e descontínuos – caleidoscópios acêntricos crescentes que se revelam através de mosaicos multifacetados compostos por estilhaços que geram imagens mutantes conforme a combinação e recombinação de suas peças no movimento do olhar.

Na interseção entre a autonomia da arte e a consciência da diferença de sua realidade para outras localidades, os episódios da arquitetura e urbanismo modernos na Bahia determinados pelas realizações dos campi universitários da UFBA entre os anos de 1940 a 1980 foram protagonistas na capital baiana e buscaram responder às pautas de ruptura e projeção de futuro, compondo parte importante dessa história no Brasil, marcando indelevelmente as expressões de modernizações nas feições próprias de suas obras e na radical reposição da ocupação do espaço urbano na cidade de Salvador.

Os exemplos especificamente estudados nesse artigo podem ser compreendidos como pertencentes ao que no Brasil ficou conhecido como “arquitetura do concreto armado”, e

posteriormente chamado de “Brutalismo”, movimento que pode ser reconhecido por destacar a utilização franca e expressiva dos materiais em seus estados brutos, com especial presença do concreto. Trata-se de arquiteturas que exploram contrastes entre estruturas e vedações, através de diferentes recursos compositivos. Os volumes ganham destaque a partir de grandes planos de superfícies. Essas superfícies utilizam materiais com cores e texturas que acentuam ainda mais suas diferenças contrastantes como a aspereza cinzenta do concreto, a transparência lisa do vidro e, em alguns casos, a porosidade rústica do tijolo e a irregularidade rugosa da pedra. Muitas vezes, elementos funcionais e estruturais, tais como calhas, gárgulas, circulações verticais, vigas, pilares e etc., que são geralmente pouco perceptíveis em uma obra, ganham destaque, em muitos casos através de dimensões exacerbadas. Essas arquiteturas têm como denominador comum o uso franco dos materiais com a intenção de evidenciar as tensões e os esforços construtivos. Assim, são obras que dão:

(...) ênfase na noção de cada edifício enquanto protótipo potencial (...), ênfase na ideia de pré-fabricação enquanto método ideal de construção (...), ênfase no caráter experimental de cada exercício arquitetônico, tanto quanto construtiva quanto programaticamente. (BASTOS, ZEIN, P.79)

## **Algumas intervenções e seus impactos na preservação das obras modernas**

### CASO I: Pavilhão de Aulas da Federação VI (PAF VI)

O Pavilhão de Aulas da Federação VI (PAF VI) foi originalmente projetado em 1969 e construído no início dos anos de 1970 no âmbito do Programa Federal MEC-BID I, funcionando como Instituto de Matemática. Sua primeira transformação se deu na década de 80, quando passou a sediar o Serviço Médico Universitário Rubens Brasil (SMURB). Apesar das devidas adaptações o edifício manteve integralmente sua volumetria, composição de fachadas e materiais sem alterar significativamente as características expressivas do edifício. Quase três décadas depois, o Programa REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) transformou o edifício no Pavilhão de Aulas da Federação VI (PAF VI). O prédio está localizado na Federação, com sua implantação de forma recuada à Rua Caetano Moura, tendo sua entrada por um nível intermediário, por meio de uma passarela. A volumetria do edifício é composta pela

interseção de dois prismas retangulares, um maior, onde estão as salas de aula, banheiro e corredores, e um menor, onde se encontram as escadas. Sua estrutura é em concreto armado aparente, tendo seus pilares em perfil H e suas vigas protendidas.

As fachadas mais longas do PAF VI possuem aberturas em praticamente toda sua extensão – seja por meio de painéis de vidro ou blocos cerâmicos. Originalmente o andar de acesso (terceiro andar) possuía metade de sua fachada sem fechamentos em esquadrias, de forma que era possível ter uma vista plena da vegetação que circunda o prédio e do mar de Ondina. O prisma retangular que compõe a caixa da escada se projeta para frente do edifício, de forma que se destaca o eixo central e vertical do mesmo. Esse destaque tem como elemento funcional marcar a circulação vertical que acontece no edifício por meio das escadas e tem como elemento estético uma quebra na linearidade da fachada, de forma que interrompe o plano de esquadrias e tem-se um volume marcado pelos cheios e vazios dos cobogós, cujo objetivo funcional é ventilar e iluminar a circulação vertical do mesmo.

Em meados dos anos 2000 este pavilhão passou por uma intervenção, onde os blocos cerâmicos utilizados na fachada foram substituídos por blocos de concreto, além de uma reorganização interna das salas, as quais deixaram de compor o centro do pavimento e passaram para sua extremidade. A mudança dos blocos da fachada terminou levando a uma perda na relação de contraste de cores, texturas e matérias que antes eram bem nítidas e que dialogavam bastante com o período moderno. No projeto de intervenção estava previsto a pintura dos blocos de concreto na cor avermelhada, de forma que ficasse próximo da cor do bloco original, também previa que as estruturas aparentes fossem pintadas de uma cor parecida com a cor do concreto. Contudo, hoje o que se encontra são os blocos de concreto no seu estado bruto e as estruturas aparentes pintadas em uma cor pistache.

A proposta de pintar os elementos da fachada de forma a falsear sua materialidade mostra uma falta de entendimento da arquitetura brutalista, isto porque tal movimento tinha uma forte relação entre ética e estética, traduzida na minimização dos insumos e custos da construção através da supressão dos revestimentos dos elementos construtivos. O material aparente na arquitetura brutalista estava relacionado com uma questão de economia, onde se explorava a plástica do material para compor a estética do edifício. Assim, uma vez que se pintam esses elementos, seja em uma tonalidade avermelhada para lembrar o bloco cerâmico, ou seja, na cor pistache, perde-se todo o sentido da lógica original e conseqüentemente sua autenticidade.





Figura 1: PAF VI anos 1980 e atualmente. Fonte: Montagem das autoras com foto do Arquivo da SUMAI e foto elaborada pelas autoras

### CASO II: Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia (CEAB)

No mesmo terreno do PAF VI, a atual sede do CEAB (Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia), também passou por intervenções. Inicialmente projetada como Centro de Processamento de Dados (CPD) da Universidade em 1975, atualmente abriga aula de alguns cursos e salas de pesquisas, além de conter a sede do DOCOMOMO Bahia. O volume do edifício é composto por uma forma paralelepípedica dividida em dois pavimentos, uma laje de concreto que avança para além do edifício e as escadas que dão acesso aos dois níveis do edifício. O nível inferior está abaixo do nível que ocorre a circulação de pessoas dentro do terreno, porém sem estar completamente aterrado, de forma que possibilitou a utilização de janelas basculantes na altura de fachada que está acima do nível do solo.

A estrutura do prédio é facilmente identificada, tanto internamente como externamente, pela diferença de materiais usados para o revestimento e o concreto das vigas e dos pilares. Esse contraste de cor, textura e função está presente em outros edifícios da UFBA, e também se relacionam com a concepção dos edifícios modernos, onde a honestidade estrutural estava constantemente interligada com a plasticidade final. Atualmente, a fachada principal do CEAB é composta por dois tipos diferentes de blocos cerâmicos: blocos maciços no sentido horizontal, na parte central, e blocos vazados, nas extremidades.

O edifício original passou por uma série de intervenções internas, mas a que afetou efetivamente sua composição externa aconteceu no início dos anos 2010. A faixa central da fachada principal, onde se encontram as escadas de acesso, era composta por um painel de vidro e uma varanda sem guarda corpo, ao invés do fechamento em blocos cerâmicos maciços. Dessa forma, o elemento que mais chamava a atenção era a escada, a qual também passou por intervenção ao ter sua largura diminuída e o acréscimo de um corrimão de concreto e o contraste dos elementos vazados como o pano de vidro no jogo de grandes superfícies que se contrastavam.

A composição do edifício era marcada pelo plano de vidro, pelo plano de blocos vazados e pelas escadas, que marcavam as relações verticais e horizontais do mesmo. Ao se retirar o plano de vidro e realizar um fechamento de bloco maciço com apenas a abertura de uma pequena porta e um basculante, perde-se uma relação de proporção entre os planos e, também, de contraste devido ao material. As pequenas aberturas feitas no plano de tijolo maciço, diferentemente do basculante do subsolo, não tem relação de proporcionalidade com a lógica compositiva do edifício. Por outro lado a perda do contraste tanto de material, de cor como de textura fundante no jogo dos grandes planos também é completamente perdida e, assim, a intervenção termina descaracterizando a obra.



Figura 2: CEAB anos 1970 e atualmente. Fonte: Montagem das autoras com foto do Arquivo da SUMAI e foto elaborada pelas autoras

### CASO III: Edifícios Gêmeos: Faculdade de Educação e Escola de Administração

No Campus do Canela / UFBA, se encontram os edifícios dos cursos de Educação e Administração da Universidade. Localizados na Av. Reitor Miguel Calmon, ambos os edifícios apresentam características da vertente moderna que explora a força bruta do concreto armado. Os edifícios foram resolvidos como obras gêmeas. Apresentam suas fachadas marcadas pela estrutura aparente, pelas longas faixas de aberturas e pelo fechamento em tijolinho. Os dois blocos verticais se tornam um contínuo único no nível térreo, onde os edifícios se conectam pela continuidade do espaço aberto em seus pilotis e se relacionam a partir de uma praça aberta entre eles. A implantação dos edifícios é bastante recuada em relação à via de acesso, estes são implantados no pé da encosta. A fachadas dos dois edifícios é marcada por dois prismas retangulares unidos por planos horizontais escalonados, os quais marcam a circulação vertical dos mesmos. Cada prisma apresenta em sua fachada principal uma relação de proporção entre o número de pavimentos e o número de aberturas por pavimentos.

Nas duas edificações a solução da entrada chama a atenção devido ao amplo recuo de todos os andares no corpo de cada prédio. Esse movimento promove uma monumentalidade para a entrada de cada edifício, além de ser o hall que reúne as circulações verticais e horizontais. Os edifícios são compostos pelo térreo mais 3 pavimentos, cada prisma da fachada principal é marcado pelas estruturas horizontais que se sobressaem e por estruturas verticais que separam quatro planos de fechamento, nos quais estão presentes as aberturas. As aberturas das janelas tomam quase todo o plano de fechamento, de forma que se tornam um dos elementos mais marcantes de sua fachada. O térreo apresenta uma estrutura mais livre em um de seus prismas, de forma a criar um espaço de convivência. As fachadas mais longas são compostas por linhas horizontais bem marcadas por materiais e planos distintos, de forma que o papel de cada elemento pode ser entendido de forma clara. Na lateral do edifício, os elementos horizontais que saltam da fachada são fechados por blocos vazados, proporcionando proteção solar sem comprometer a ventilação.

Uma intervenção, realizada em ambos os edifícios, resultou na pintura de elementos de concreto nas cores azul e laranja. Tal intervenção fere um dos pressupostos fundantes quanto à exposição dos elementos estruturais e estruturantes dessa vertente moderna, ao desconsiderar o preceito de deixar aparente o material utilizado e, a partir da utilização de cores, arrefece o contraste existente. Os edifícios que apresentavam a mesma lógica

estrutural se relacionavam a partir da disposição no terreno e de suas fachadas idênticas, num conjunto unitário, mesmo mantendo as duas condições inalteradas, é drasticamente alterado ao se pintar os elementos de um edifício na cor azul e os outro na cor laranja. Essa intervenção que reveste as vigas e dá colorido às fachadas não só é incapaz de compreender as características expressivas da vertente, como também não entende a lógica da relação dos edifícios como um conjunto e deliberadamente o descaracteriza. Não só a pintura proporciona esta distinção nos edifícios como também a troca, no edifício de Administração, dos tijolinhos maciços por tijolinhos de vidro na entrada, numa tentativa desastrosa de enobrecer tal espaço.



Figura 3: Edifícios de Educação e Administração anos 1980 e atualmente. Fonte: Montagem das autoras com fotos do Arquivo da SUMAI e das autoras

### **Outras possibilidades e alguma esperança**

A Faculdade de Farmácia, também deste período de edifícios modernos, segue uma lógica modular. Os blocos deste edifício parecem mais rígidos, principalmente nas faces onde

ocorrem as aberturas em fita e originalmente se tinham elementos de proteção solar. Seus planos não compõem um movimento, a fachada é marcada pela estrutura aparente, a alvenaria branca e as janelas em fita. Originalmente, em algumas fachadas encontravam-se elementos em concreto que emolduravam as aberturas, ao mesmo tempo em que tinham função de proteger do sol. Tais elementos eram responsáveis pelo movimento, sendo favorecido pela variação de altura dos blocos.

A solução arquitetônica geral desse período buscava articular os volumes e espaços, cheios e vazios a partir de uma unidade modular. A unidade modular inicial de 1,10m X 1,10m terminou gerando o módulo base de 9,90m X 9,90m, resultante do pré-dimensionamento dos espaços a serem projetados e do que se tinha disponível na pré-fabricação industrial. Assim, a partir dessa modulação, das técnicas construtivas e dos materiais utilizados era possível o crescimento de até cinco pavimentos e expansão horizontal ilimitada, o que foi base para o processo de intervenção na Faculdade de Farmácia.

O edifício que se encontra atualmente passou por um processo de ampliação e reforma no ano de 2013. Este edifício representa um processo de intervenção atenta às características e à lógica da preexistência, sem perdas na leitura do mesmo. Isto porque sua ampliação foi pensada desde o projeto original do edifício, respeita a modulação do edifício já existente e suas aberturas dialogam com as pré-existentes. Os elementos de proteção solar que existiam nas fachadas noroeste continuam existindo e o prédio mantém sua unidade e características fundantes, com um pequeno diferencial no tratamento das aberturas e do fechamento horizontal que marca a intervenção de modo discreto e respeitoso, em qualificado diálogo entre o antigo e o novo.



Figura 4: Edifício de Farmácia anos 1970 e atualmente. Fonte: Montagem das autoras com fotos do Arquivo da SUMAI

## **Algumas Considerações**

Em busca de compreender as motivações das decisões que determinaram as intervenções analisadas, foram realizadas algumas entrevistas com arquitetas da SUMAI (Superintendência de Meio Ambiente e Infraestrutura), órgão da UFBA responsável pela manutenção, intervenção e construção em seus campi, nas quais foram apontadas justificativas funcionais, para atender a demandas de ampliação de salas de aula e espaços de apoio, melhora das condições de conforto ambiental; questões de custo das intervenções e motivações simbólicas para as intervenções realizadas. Também foram apontadas alterações nas especificações realizadas pelo órgão no momento da execução pelas empresas responsáveis pelas obras e a autonomia das unidades para “pequenas intervenções” como motivadoras das soluções concretizadas nos casos em questão.

Embora algumas demandas programáticas e pragmáticas sejam justificáveis, entendendo especialmente a necessidade de ampliação de espaços para as atividades fins e meio da vida acadêmica pautadas pela ampliação do número de vagas e do número de cursos promovidos especialmente pelo REUNI (Programa Federal de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) iniciado em 2003, os modos das intervenções poderiam ser outros. As falas de justificativa das intervenções e as propostas em si revelam um desconhecimento de princípios e elementos fundantes que caracterizam (ou caracterizavam) as arquiteturas preexistentes.

Apesar da preocupação de manter a “imagem original” como no caso da especificação não seguida da pintura avermelhada dos elementos vazados em concreto que substituíram os elementos cerâmicos no volume da escada do PAF VI, a opção parte de uma compreensão equivocada da imagem que se quer preservar. Nesse caso, não é exatamente a cor a característica fundamental, mas sim o contraste de dois materiais em seu estado bruto, irremediavelmente perdido com a similaridade dos materiais da estrutura e da superfície de fechamento substituída do bloco, cuja pintura apenas faria aumentar a distância entre a pretensão de preservação e sua efetivação. Se a pintura avermelhada tivesse sido executada, a descaracterização seria ainda maior, tornando a obra uma caricatura infeliz de si mesma.

A falta de reconhecimento do valor das arquiteturas por parte dos gestores e da comunidade acadêmica no geral também é um grande entrave para intervenções menos agressivas nos edifícios da instituição, assim como a necessidade de individualização flagrada na

colorização dos edifícios gêmeos da Administração e da Educação. Tal intervenção foi uma solicitação dos respectivos diretores dos cursos supracitados, sob a justificativa de ser a cor do curso (azul e laranja respectivamente). Segundo as arquitetas da SUMAI, tal intervenção gerou opiniões controversas, pois os profissionais do setor também não concordavam com tal pintura e entendiam que isto descaracterizaria os edifícios. Contudo, as faculdades possuem certa autonomia e podem realizar certas intervenções sem passar pelo departamento de obras e projetos, passando, muitas vezes, apenas pelo setor de manutenção, como neste caso.

Parece-nos que duas importantes frentes são necessárias para o enfrentamento de problemas dessa natureza: por um lado uma maior promoção do reconhecimento da qualidade e importância das obras que merecem preservação; e por outro uma melhor qualificação dos instrumentos e agentes para possibilitar essa preservação. Grande parte dos edifícios e os campi da UFBA são em si importantes realizações da história arquitetônica e urbanística local e nacional, assim como possuem papel fundamental por simbolizar e guardar em seus espaços a memória e a história de parte significativa da produção do conhecimento, dos avanços técnico-científicos; das expressões artísticas e culturais da Bahia.

Como já dito no início deste artigo, há uma série de questões de gestão, necessidade funcionais e possibilidades/disponibilidade de recursos para execução de obras que condicionam as intervenções nesse patrimônio e que são importantes de serem enfrentadas para preservação desse patrimônio e minimizarmos especialmente essas ações pequenas, mas significativamente desastrosas.

Em tempos nebulosos como os que estamos enfrentando, no qual ameaças maiores rondam a existência das universidades públicas é fundamental o conhecimento, o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio material e imaterial universitário.

## **Referências Bibliográficas**

BASTOS, M. A. J. ; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. v. 01. 429p

BIERRENBACH, Ana Carolina; NERY, Juliana Cardoso. **O que é que a Bahia tem?** 2013. Artigo – X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura moderna e internacional: conexões brutalistas 1955-75 – PUCPR, Curitiba, outubro de 2013.

COELHO, Alessandra; ODEBRECHT, Silvia. **Arquitetura moderna: reconhecimento e análise de edifícios representativos em Blumenau, SC.** Dynamis revista tecno-científica (out-dez/2007) vol. 13, n. 1, 46-58.

JENCKS, Charles. **Movimentos modernos em arquitetura.** São Paulo: LDA, 1985, 70ª edição.

ROESLER, Sara; MOURA, Rosa Maria Rolim de. **O acervo protomoderno pelotense e seu potencial para habitação de interesse social.** Disponível em: <<http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/134.pdf>> Acesso em 04 jun. 2019.

SCIELO. **Origens da universidade brasileira.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0100-40422007000700050](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0100-40422007000700050)>. Acesso em: 02 jun. 2019.

TINEM, Nelci. **O Alvo do olhar estrangeiro: O Brasil na historiografia da arquitetura moderna.** João Pessoa: Ed. Manufatura, 2002.